

Zeferino e o problema da seca no Nordeste

FABIO MOURILHE

Resumo

O objetivo deste trabalho é verificar como os problemas relacionados à caatinga no Nordeste seco, na década de 1970, são tratados nas tiras do Zeferino de Henfil, publicadas na revista Fradim. Para atingir tal intento, traçamos inicialmente um panorama do local, considerando os aspectos culturais, físicos, ecológicos e sociais. O humor de Henfil serve para apontar os problemas ali vigentes e direcionar esta percepção para uma atitude crítica. Não apresenta exatamente uma solução, mas uma exacerbação do problema para que ele possa ser utilizado fora do contexto em metáforas e através de um humor que emerge com a criação de caricaturas da realidade, tornando-a menos insuportável.

Palavras-chave:

Seca, Henfil, quadrinhos

Zeferino and the problem of drought in Northeast

FABIO MOURILHE

Abstract

The objective of this study is to check how the caatinga-related problems in the dry Northeast, in the 1970s, are handled in Zeferino's comic strips of Henfil, work published in Fradim magazine. To achieve this purpose, we initially traced a local panorama, considering cultural, physical, ecological and social aspects. Henfil's humor serves to point out the existing problems in their context and direct this perception to a critical attitude. A single solution is not presented, but an exacerbation of the problem so that it can be used outside of the context in metaphors and through a humor that emerges with the creation of caricatures of reality, making it less unbearable.

Keywords:
Drought, Henfil, comics

Zeferino y el problema de la sequía en el Nordeste

FABIO MOURILHE

Resumen

El objetivo de este trabajo es verificar cómo los problemas relacionados a la *caatinga* en el Nordeste de la sequía, en la década de 1970, son tratados en las viñetas de Zeferino de Henfil, publicados por la revista Fradim. Para lograr ese propósito, inicialmente, delineamos un panorama del local, considerando aspectos culturales, físicos, ecológicos y sociales. El humor de Henfil sirve para señalar los problemas allí vigentes y orientar esa percepción hacia una actitud crítica. No presenta exactamente una solución, pero una exacerbación del problema para que él pueda ser utilizado fuera del contexto en metáforas y por medio del humor que surge con la creación de caricaturas de la realidad, haciéndose menos insoportable.

Palabras-clave:
Sequía, Henfil, viñetas

Introdução

Os estudos realizados anteriormente sobre o trabalho de Henfil têm o mérito de serem bem fundados e minuciosos, mostrando aspectos que se relacionam a sua vida pessoal e a realidade sociopolítica de sua época. Esta pesquisa não desconsidera essas questões, principalmente o conteúdo político, porém, aqui trazemos o foco para os problemas derivados da seca representados em Zeferino.

Neste seu trabalho, o humor de Henfil parte de uma não conformação com uma realidade sofrida e insuportável da seca e da fome no Nordeste e da crítica à grande imprensa e ao governo com seu “milagre brasileiro” na década de 1970.

Antes, contudo, apresentaremos uma contextualização do local onde passam a narrativa e as imagens das tiras de Zeferino, senão corre-se o risco de generalizar a ideia de Nordeste sofrido como única visão possível para a região. A caricatura de Henfil foca justamente no aspecto carente desta região. Tenta denunciar o problema com os recursos humorísticos e caricaturais do exagero sempre carregados de ambiguidade. Serão utilizados aqui os termos característicos do trabalho de Henfil, de forma a deixar clara sua postura. Não acredito que estes cartuns e sua linguagem sejam capazes de denegrir a imagem do Nordeste. Trata-se de uma representação necessária para compreender o tema e os personagens envolvidos.

É comum, principalmente no Sudeste do país, conceber o Nordeste como o local onde só existe seca, morte, atraso, fome, dentre outros aspectos que ressaltam a condição desumana de sobrevivência. Apesar disso, se utilizarmos a imagem criada por Euclides da Cunha, que parece inspirar Henfil, temos a condição desumana do sertanejo e ao mesmo tempo uma força

sobre-humana invejável. Devemos considerar além da geografia física diversificada, os múltiplos aspectos culturais.

Estrutura física e ecológica do Nordeste seco

O nordeste seco do Brasil é uma das grandes áreas semiáridas da América do Sul (SÁBER, 2003, p. 81). Caracterizado pelas caatingas, periferia pobre da zona da mata, onde vigoram temperaturas médias elevadas, baixa umidade, escassez e irregularidade de chuvas – conforme a definição da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)¹ para a região semiárida (MELO, 2006, p. 176) –, terras de difícil utilização e uma ausência de rios com fluxo permanente. Sua geografia e seu aspecto social indicam uma das regiões com problemas mais graves das Américas. Podemos dizer que as causas da seca são naturais, mas ela foi favorecida por quase cinco séculos de queimadas e corte intensivo da floresta, além da exploração da monocultura da cana-de-açúcar (BURSZTYN; MENDES, 1993, p. 124).

Aziz Nacib Ab'Sáber (1999) mostra a grande variedade física e ecológica do Nordeste seco, que não se restringe unicamente às chapadas com solos pobres e gretados, e nem é habitada exclusivamente por uma população de seminômades. Existem também depressões interplanáticas, maciços antigos, colinas sertanejas, esculpidas em xistos e gnaisses, sulcadas por rios e riachos intermitentes (SÁBER, 1999, p. 10), um sistema de rodovias asfaltadas, uma rede de açudes e as capitais regionais (Campina Grande, Mossoró, Feira de Santana, Caruaru etc.) com um comércio intenso e feiras populares.

Temos uma vegetação baixa, com pequenas folhas e hastes espinhentas, quase toda caducifólia – cinza-calcinada nos meses secos e exuberantemente verde nos meses chuvosos – e também algumas espécies de cactáceas: mandacarus, coroas de frade, facheiros, xiquexiques etc. “Trata-se de uma flora constituída por espécies dotadas de longa história de adaptação ao calor e à secura incapaz de restaurar-se, sob o mesmo padrão de agrupamento, após escarificações mecânicas de seu suporte edáfico” (SÁBER, 1999, p. 10).

Principais problemas humanos e sociais

König (2013) mostra que o Nordeste brasileiro sofreu 34 secas exageradas desde 1583, quando o padre Fernão Cardin realizou seu primeiro registro sobre o fenômeno. Temos, em fun-

ção da seca, revoltas populares com saques, êxodos ou grande quantidade de morte pela fome e falta de água, e uma população que, sem alimentos da terra e com o desaparecimento dos rebanhos, sofre de inanição. O Centro Técnico Aeroespacial, de São José dos Campos (SP), chegou à conclusão em 1978 que as grandes estiagens ocorrem em intervalos de 26 anos, com outras menores entre elas.

Além de ter que lidar com a seca, a população carente também sofre com as inundações. Lotada em lugares inadequados nas periferias das cidades sertanejas – espaços ribeirinhos –, acaba sendo afetada nas estações das chuvas. Segundo Sáber (1999, p. 24), é necessário melhorar o método de previsão das inundações e reordenar as ocupações dos espaços rurais e urbanos.

Pode-se dizer que os principais problemas humanos e sociais do Nordeste seco são principalmente a fome, os limites impostos pela realidade do meio físico e também as exigências impostas pelas relações trabalhistas. A fome está presente na vida de grande parte dos trabalhadores sem terra, a força de trabalho do sertão. Porém Sáber (1999, p. 26) mostra que ali existe mais gente do que as relações de produção podem suportar. As secas criam problemas na produção rural, levando a um desemprego maciço, transformando aqueles que não têm terra em retirantes.

Considerando a grande reprodução humana, as altas taxas de mortalidade e a falta de emprego e moradia, temos um movimento de migração, com a região da seca fornecendo mão de obra barata para quase todas as regiões, onde existe algum potencial de riqueza e emprego. Frentes de trabalho têm tentado diminuir este efeito migratório, porém sem muito êxito, pois os sertanejos continuam sem condições autossustentáveis de trabalho. O problema é agravado pelo fato de a população ser rural, ter alta densidade demográfica, por não haver espaços agrícolas e pela economia rural ser precária.

Tendo em vista todo este panorama, Sáber (1999, p. 8) caracteriza a região do Nordeste como aquela que se encontra “sob intervenção”, porém através de um planejamento estatal com um alcance desigual, em “programas incompletos e desintegrados de desenvolvimento regional”. Algumas destas tentativas foram realizadas através da Sudene, mas ela se transformou em foco de corrupção a partir da ditadura militar.

Além dos problemas relacionados à seca, temos também uma ênfase na riqueza cultural da região, que é apresentada também de forma cômica no trabalho de Henfil, seja na teatralização da seca e dos conflitos armados ou na música e na dança no ritmo do chão que racha.

Multiplicidade cultural do Nordeste

A diversidade cultural do Nordeste é salientada por Albuquerque Junior (1994, p. 127). Segundo o autor, ela passa pelos artistas e intelectuais tradicionalistas que

vão apoiar a visibilidade e a dizibilidade regional no trabalho com a memória. A partir de um rendilhado de remanências, se busca construir uma memória voluntária, um conjunto de lembranças que seriam de um Nordeste, de uma região que estaria desaparecendo aos poucos.

Como tentativa de manter esta memória, o trabalho de Gilberto Freyre mostra que

raro é... o artista ou o escritor para quem não exista a sugestão de uma região ou de uma província, em particular – de ordinário a do seu tempo de menino – presente de modo nem sempre ostensivo, às vezes até sutil, nas formas ou nas cores mais características da sua expressão (1987, p. 23).

O prestígio e as obras de Freyre, como *Casa Grande e Senzala* (1933), influenciaram e orientaram a produção artística de José Lins, Cícero Dias, Jorge de Lima, entre outros.

Com o modernismo, temos uma resistência ao regionalismo, mas, segundo Sérgio Buarque de Holanda, “ao menos em São Paulo, ele [o modernismo] veio a prolongar [...] o esforço regionalista iniciado muito antes de 1922” (HOLANDA, 2009, p. 60), embora submetido à questão nacionalista.

O “romance de trinta” – produção ficcional brasileira de inspiração realista produzida a partir de 1928 –, conforme Albuquerque Junior (1994, p. 171), caracteriza a produção da região e mostra a “identificação completa dos autores com sua paisagem, com seu meio”. Para Paulo Cavalcanti (apud ALBUQUERQUE JUNIOR, 1994, p. 171), “era um romance que expressava uma realidade coletiva, fiel às tendências de um povo e às características de uma região”. Trata-se de

uma literatura verdadeiramente brasileira por estar ligada à região que menor influência estrangeira havia sofrido e também por ser a síntese de todas as suas contradições, os contrastes sociais e naturais: abundância de inverno e seca, sertão deserto e várzea amena, a ternura, o cafuné, o tratamento voluptuoso de ‘meu nego’, a hospitalidade e a fraternidade e, ao mesmo

tempo, o relampejar do ódio, as faíscas da peixeira, o derramamento de sangue (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1994, p. 171).

A pintura também caracteriza o Nordeste e trata de temas semelhantes aqueles apresentados na literatura. Ambos partem de problemáticas similares. Freyre (1996, p. 28; 1941, p. 79-107) descreve a pintura regionalista como aquela que seria verdadeiramente “a paisagem e a vida do Nordeste”, o que inclui tonalidades ocres e exuberância tropical, que não se coaduna nem com tons “cinzentos dos acadêmicos, nem com as cores carnavalescamente brilhantes do impressionismo” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1994, p. 210). Além disso, inclui

contrastes de verticalidade – as palmeiras, os coqueiros, os mamoeiros – e as volúpias rasteiras – cajueiro do mangue, a gitirana, uma paisagem animada de muitos verdes, vermelhos, roxos e amarelos². Uma paisagem que parece ter alguma coisa de histórico, de eclesiástico e cívico. Uma pintura que devia se voltar, principalmente, para as cenas de engenhos, de negros trabalhando no meio daquela fábrica de aquedutos – de pau ou trazendo carros de boi cheios de cana madura. Figuras de senhores de engenho, danças de negros, flagrantes de xamegos em que se prolongavam os gestos de se semear e plantar cana (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1994, p. 210).

Roger Bastide (apud ALBUQUERQUE JUNIOR, 1994, p. 211) diferencia a estética da cultura regional da outra praticada no sul, mais ligada à experimentação. Certos pintores como Portinari, Di Cavalcanti e Aldemir Martins, contudo, se utilizam da mesma temática característica do regionalismo, carregando-a de uma preocupação política. Cícero Dias e Lula Cardoso Ayres, por sua vez, compartilham da visão saudosista em relação à sociedade da qual são descendentes tal qual aparece em Freyre.

A música também tem sua importância na cultura do Nordeste e começou a ser veiculada através do rádio após liberação da tutela do estado depois da década de 1930. Aqui, a música produzida pelas camadas populares, “vista como folclórica, adquire nova importância num momento em que a preocupação com o nacional e com o popular passa a redefinir toda a produção cultural e artística” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1994, p. 215).

A música rural, regional e modalista, “como aquela produzida pelos cegos de feira do Nordeste, ligada remotamente aos cantos gregorianos europeus” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1994, p. 216), era vista, segundo Albuquerque Júnior (1994, p. 216),

“como uma manifestação musical autêntica do país”. Na década de 1940, surge Luiz Gonzaga, o criador da “musica nordestina”, especificamente o baião. Como representante do “Nordeste”, cria uma indumentária típica que reunia a roupa do vaqueiro nordestino com o chapéu usado pelos cangaceiros. Com Humberto Teixeira como letrista, compõe muitas canções de sucesso no Brasil e exterior.

Em termos de teatro, temos Ariano Suassuna que, a partir da década de 1950, introduz o Nordeste como tema, em *Auto da compadecida*.

Albuquerque Júnior (1994, p. 220) mostra que a “cultura nordestina é uma das culturas regionais mais ricas e resistentes”, que se coloca diante do

processo de generalização dos bens culturais produzidos pela sociedade capitalista. Como uma região cada vez mais política e economicamente subordinada, com uma população que migra constantemente dentro e para fora da região, portanto, sofrendo sucessivos processos de desenraizamento cultural, conseguiu preservar suas raízes, suas tradições culturais. Isto se deve ao fato da cultura nordestina ser uma invenção recente, assim como o Nordeste, fruto em grande parte deste desenraizamento. Essa cultura da memória do passado não é só uma evocação, mas principalmente a criação de um espaço imaginado e feito em contraponto à realidade urbana e sulista, enfrentada pelos imigrantes.

A partir destes aspectos, podemos compreender melhor as questões socio-culturais defendidas por Henfil nas tiras do Zeferino no começo da década de 1970 veiculada no *Jornal do Brasil* e posteriormente republicadas na *Revista Fradim*.

Zeferino

As tiras de Zeferino trazem Zeferino, Graúna e o Bode Francisco Orelana, personagens de Henfil que sentem os contrastes do Brasil da década de 1970. Apesar de viverem no Nordeste, suas aventuras tangem os problemas socioeconômicos de todo o Brasil. O convívio dos três personagens é apontado como aquele onde é possível “apesar das diferenças de raça e cor...” (HENFIL, 1980a, p. 48). Aponta o valor da relação entre eles, colocando que “só a cooperação constrói um mundo justo e equânime” (HENFIL, 1980a, p. 48).

Henfil (apud SEIXAS, 1996, p. 73) apresenta Zeferino contextualizado na caatinga: “No alto da caatinga, légua e meia

de Monte Santo, no calcanhar de Canudos³ vive o cabra macho valente e atrevido, curtido em veneno de cobra, amante do que é do homem, inimigo do que é injusto, capitão Zeferino”. Ele aparece inicialmente no *Jornal dos Sports*, de 1º de abril de 1969, antes das eliminatórias da copa do mundo, durante um ato de pajelança praticado por Urubu, Bacalhau, Cri-Cri e Pó de Arroz. Durante a véspera da Copa do mundo, estes personagens gritaram “Xazam”. Ao invés de gênio da lâmpada, surgiu Zeferino impressionado com o tamanho do Maracanã (MORAES, 1996, p. 142). Segundo Moraes (1996), a intenção de Henfil era colocá-lo na liderança de uma reativação de Canudos, aproximando resistência sertaneja e luta contra o regime militar. “O plano seria levantar o povo numa cruzada contra a supremacia dos latifundiários” (MORAES, 1996, p. 142), mas a censura obviamente não permitiu que ele desenvolvesse seus intentos.

Para Seixas (1996, p. 50), Zeferino representa o povo, a classe oprimida, o nordestino distante do poder econômico dos grandes centros, mas também o mito de resistência do homem do sertão brasileiro, herói popular que faz a justiça com as próprias mãos – como Lampião⁴. Graúna é uma ave de cor escura do Nordeste, que simboliza a mulher de classe média, tanto ingênua quanto consciente, dominadora e dominada. O Bode Orelana devora livros, representa a “intelectualidade pequeno burguesa, símbolo do medo e da autocensura que predominaram nos intelectuais brasileiros na década de 1970” (SEIXAS, 1996, p. 50), e critica-os por assumirem posições teóricas sem realizar ações políticas diretas. Moraes (1996, p. 143) mostra que Orelana teria sido inspirado no cantor baiano Elomar, que criava bodes com nomes de figuras revolucionárias. Havia de fato um bode chamado Francisco Orelana que devorava os livros do cantor. Apesar de estes personagens viverem aventuras no cenário seco da caatinga, temos a possibilidade de transformação de seu drama calamitoso através do espírito alegre, que em *Fradim #9* (HENFIL, 1976c, p. 24) faz Bode Orelana dançar e cantar com grande entusiasmo no ritmo do chão que racha com a estiagem prolongada.

Nordeste seco x “Sul-maravilha”

As adversidades vividas pela população do Nordeste seco nas tiras do Zeferino são contrastadas com as regalias dos moradores do “sul-maravilha” (Rio de Janeiro e São Paulo)⁵. A dieta do sertanejo baseada em farinha, que resulta em subnutrição, difere da dieta dos habitantes do sul maravilha, com carne, ovos,

legumes, aves, peixes, leite, pão, verduras, frutas etc., conforme exposto em Fradim #8 (1976b, p. 37). Em Fradim #12 (1976d, p. 38), esta dieta do “sul-maravilha”, junto ao ideal de que “o leite da futura mamãe seja nutritivo e o neném cresça forte e saudável”, é apontada por Graúna (ao chocar seu ovo) como um panorama de um “horóscopo para quem nasceu no ‘sul-maravilha’”. Após nascer Grauninha, a filha da Graúna se alimenta apenas do “milagre da vida”, quer dizer, não come nada (HENFIL, 1976f, p. 24). “Que novidade é esta agora de que se come na caatinga” (HENFIL, 1976f, p. 25)? Ali, o leite é considerado por Graúna como uma ficção, assim como Papai Noel (HENFIL, 1976f, p. 25). Mesmo em Monte Santo, ninguém nunca ouviu falar em leite (!). Graúna reclama dizendo que “comer não é um hábito da caatinga” (HENFIL, 1976f, p. 26) e que os outros personagens em um ato de “vanguardismo alienado” querem alterar e “destruir a cultura e os costumes da caatinga” (HENFIL, 1976f, p. 26). “Instaurada a alimentação, daqui a pouco vão querer mudar a música, o folclore, tudo!” (HENFIL, 1976f, p. 26). Com a fome, só resta a Grauninha perder a cor, perder as penas, perder o equilíbrio e, por fim, morrer. Bode Orelana diz que a solução seria dar comida a ela, mas Zeferino retruca ironicamente dizendo que ele estaria com “mania de distribuição de renda” (!) (HENFIL, 1976f, p. 38). Graúna desiste de ter filhos, mas Zeferino indica para a necessidade de ocupar a caatinga. Para ela, ter filho equivale a modificar a estética da caatinga, pois provocaria uma redução do número de covas (com suas cruzinhas) da paisagem (HENFIL, 1976f, p. 46).

O turismo, aspecto tão valorizado no “sul maravilha”, no Nordeste de Henfil se transforma em turismo-caatinga, onde não há uma abundância de belezas e sim de problemas. Se o sul maravilha sofre com a mortalidade de peixes na Lagoa Rodrigo de Freitas, o Nordeste sofre com a mortalidade infantil (HENFIL, 1976c). No Fradim #15, Henfil (1976g) mostra em Zeferino que, com o problema da crise de petróleo, temos o racionamento de gasolina, que na caatinga se converte em racionamento do ir e vir: apenas quatro passos por dia. No Fradim #22 (1977c, p. 22), temos a proposta de integração da caatinga ao “sul-maravilha”. Porém, não através do aporte dos serviços de grandes adutoras, nem hospitais, nem padarias, mas através da televisão. Na página 24 deste mesmo número, Henfil mostra como esta integração, “somos hoje um único país nas asas da TV”, é efêmera, com a cultura veiculada através da TV transformando a própria percepção das coisas e transmitindo a ilusão de que existe riqueza mesmo na realidade mais sofrida da caatinga. Este é poder da

tecnologia da informação. Graúna, na página 27 do Fradim #22 (1977c), ingenuamente acredita que da mesma forma que os habitantes do Nordeste receberiam as imagens do “sul-maravilha”, os habitantes do “sul-maravilha” receberiam imagens da realidade da caatinga com os efeitos da febre Seção⁶, com os cantadores recitando versos de cordel e com a falta d’água. Descubra-se, contudo, que, além disso, grande parte do conteúdo nem seria do “sul-maravilha”, mas estrangeiro (HENFIL, 1977c, p. 28).

A presença da Sudene

Na caatinga, não temos grandes aberturas de jogos ou olimpíadas, mas a “Abertura-oficial-da-temporada-da-seca”, com um banquete servido pela Sudene, onde Graúna toma um porre de água (HENFIL, 1977c, p. 30-31). Porém, Bode Orelana mostra o posicionamento da Sudene, que tenta maquiagem a dura realidade com o discurso: “não há seca... o que há é carência de chuvas!” (HENFIL, 1977c, p. 32), posição que é corroborada nas tiras subsequentes com o aval do fiscal da Sudene. Quando o poço seca, a solução apontada por Zeferino é pedir à Sudene um caminhão-pipa para a caatinga, mas ele descobre que isto não seria possível, pois a Sudene ainda não decretou a seca. Além disso, ainda teriam de esperar pelo percurso burocrático: esperar sair o decreto e sua publicação 10 dias mais tarde no Diário Oficial (HENFIL, 1977c, p. 34-35). Ao “comer” a “legislação sobre a seca”, Bode Orelana descobre que é necessário antes de tudo “tirar a certidão de seca, deve-se fazer requerimento em seis vias”, e levar na seção de protocolo (HENFIL, 1977c, p. 36). Depois de ir e vir várias vezes, Zeferino é informado também da necessidade de “tirar certidão negativa de chuva”, o que o leva à atitude extrema de querer cortar os pulsos (HENFIL, 1977c, p. 38). Eles conseguem a certidão, mas acham que provavelmente será indeferida. Para tal, será enviado à caatinga um fiscal de chuva. “A certidão será dada se ele não encontrar uma gota d’água nos exercícios de 1948 a 1976” (HENFIL, 1977c, p. 40). Com a chegada do fiscal (HENFIL, 1977c, p.41), Bode Orelana aconselha que não se produza mais qualquer umidade, seja através de suor, choro ou saliva, para não prejudicar a obtenção da “certidão negativa de chuva”. A figura improvável do fiscal – como quem quer garantir a todo custo que a ajuda da Sudene não seja necessária – traça galochas, capa e guarda-chuva, e aconselha aos personagens que se vistam da mesma forma para não ficarem gripados descalços na “enxurrada” (!). A “última chuva de 1936” para o

fiscal seria uma “chuva recente” que deixou a terra úmida. Por fim, o fiscal – Amaral Neto disfarçado – conclui que, se considerarmos a presença dos três personagens – “três exuberantes vivos” –, a seca é improvável. Sua presença mostra a “pujança da nossa raça” e a “encarnação do milagre brasileiro”⁷ (HENFIL, 1977c, p. 43). Após esta conclusão, os personagens ficam preocupados com um boato de que o AI-5 serviria também para perseguir aqueles que estão “provocando a seca” (HENFIL, 1977c, p. 45), paralelo interessante na era da ditadura militar, pois, nas tiras de Henfil, para a caatinga e para a seca “foi decretada a chuva no Nordeste” pela Sudene.

O problema da vida

No número 12 de Fradim, o foco dos quadrinhos de Zeferino é a mortalidade infantil. Quando Graúna fica grávida, temos a crítica à falta de médicos, farmácias e hospitais na caatinga, responsabilidades da Sudene (HENFIL, 1976d, p. 21-22). Para o ato de correr para uma farmácia inexistente, Bode Orelana levanta uma comparação com o fundo 157 (HENFIL, 1976d, p. 22), vigente entre 1967 e 1983, que permitia que os contribuintes adquirissem cotas de fundos administrados por instituições financeiras, porém só para aqueles que contribuem com imposto de renda, ou seja, não incluía a população extremamente pobre da caatinga. No Fradim #13 (HENFIL, 1976e, p. 26), o problema da saúde continua a ser enfatizado quando Graúna nota que, quando ela nasceu, “na caatinga, não se tinha notícia de que existia vacina pra sarampo”, mas tinha melhorado, pois, mesmo não tendo chegado vacina, já se sabia de sua existência. No número 7 de Fradim (HENFIL, 1976a, p. 25), por ocasião do racionamento de gasolina no sul-maravilha, temos a proposta de “um racionamento pioneira: vida máxima de cinco anos na caatinga!”

A crítica ao controle de natalidade aparece de forma incisiva no número 30 do Fradim (HENFIL, 1980b). Na página 21, é incluída uma representante do Bem-Estar Familiar no BRASIL (BEMFAM)⁸, que dissemina sua campanha de controle da natalidade com o slogan: “Este é um controle de natalidade que vai pra frente... uôu! uôu! uôu!” (HENFIL, 1980b, p. 27). Bode Orelana reconhece a visitante, pois por onde eles passam “não nasce nem grama”. O interesse da agente é só “ajudar a planejar os filhos”. Graúna acha que a ajuda seria ótima, em um planejamento de “creche, escola, merenda, livros, bibliotecas...” (p. 27). A agente retruca dizendo que o auxílio seria realizado

como um “controle”, o que Graúna também concorda se fosse um controle do “sarampo, poliomielite, meningite...” (HENFIL, 1980b, p. 23). Conclui-se que segundo a condição financeira de Graúna ela nem poderia ter filhos e nem mesmo poderia ter nascido (!) (HENFIL, 1980b, p. 24-25). Graúna decide apenas “treinar” (a prática sexual), mas a agente não compreende, pois, segundo Graúna, ela “nunca viu um pitoco...”. A agente fornece uma pílula para Graúna que deveria ser engolida junto de uma refeição, mas Graúna não tem nem pão (HENFIL, 1980b, p. 26). Chega-se à conclusão na página 28, sob a luz do agente do Bemfam, que a pílula anticoncepcional realmente auxiliaria na economia, pois evitaria todos os gastos futuros com os filhos. Porém, em ótima crítica ao controle de natalidade, Graúna decide na página 29 que não tomará mais a pílula. Sua decisão se deve a uma espera pelo resultado de um “pedido de *habeas corpus*”, segundo ela, baseado na lei do ventre livre, ou seja, uma garantia constitucional para o feto. A única forma de impedir e conter este direito seria um “mandado de prisão de ventre” (HENFIL, 1980b, p. 29). Para a agente, seria necessária a utilização da pílula, pois ainda não dava para utilizar a televisão com este intento no Nordeste. Enquanto chega a essa conclusão, a agente joga pílulas dentro de um poço (HENFIL, 1980b, p. 31). Graúna, por outro lado, tenta contornar o problema da imposição do controle de natalidade com a atitude prática de troca dos anticoncepcionais por comida (HENFIL, 1980b, p. 32).

As “belezas” da caatinga

Ao perceber as “belezas” da caatinga, realidade sofrida e seca, Graúna deseja que seu filho nasça míope. E para suportar as altas temperaturas, Zeferino ingere bebidas alcoólicas eventualmente acompanhado por Graúna – quando esta não apanha dele bêbado. Neste estado embriagado, toda a realidade pode se tornar muito mais bela (HENFIL, 1976a, p. 35).

Neste número, as variações cômicas continuam a ser dispostas em torno do sol e seus efeitos na caatinga, incluindo o momento em que Graúna pega fogo (HENFIL, 1976a, p. 36). Considera-se, assim, o sol como o “tipo do negócio burro” (pelo menos em termos de caatinga). Graúna ainda assume a necessidade de “fazer um movimento para conseguir a retirada do sol da caatinga” (HENFIL, 1976a, p. 38), de forma semelhante ao que ocorreu quando “os vietcongues [...] conseguiram a retirada americana do Vietnã” (HENFIL, 1976a, p. 38). Mas Bode Orelana informa “que o culpado pela seca na

caatinga não é o sol, mas os desmatamentos e queimadas”. Graúna, por seu turno, explica que o sol é utilizado em “metáforas contra os poderosos” (HENFIL, 1976a, p. 39).

Resistência ao latifúndio

Um posicionamento de combate na tira também está presente quando é tratada a questão do latifúndio⁹, a partir da página 43 do Fradim #15 (HENFIL, 1976g), como o “Lati”, que aparentemente matou o Bode Orelana. Como ocorreu na caatinga nas últimas décadas, trata-se de uma expansão das fronteiras agrícolas que não veio acompanhada de uma democratização da propriedade. Muitas vezes envolveu a expulsão com violência de pequenos proprietários ou sua absorção nos latifúndios. Bode Orelana se queixa: “Lati vem aí de novo pra nos expulsar da caatinga com uma metralha!” (HENFIL, 1976g, p. 44). Graúna reclama com o Lati, questionando sua covardia, atacando-os “na tocaia” para expulsá-los da caatinga, onde não tem água, “o sol queima as pestanas da gente” e “de verdura só tem cactos” (HENFIL, 1976g, p. 45-46). Lati responde com uma bala ou com o cano da espingarda (HENFIL, 1976g, p. 45-46). Zeferino decide construir uma cidadela para resistir ao Lati. No número seguinte de Fradim (#16) (HENFIL, 1977a, p. 25), Lati prega uma misteriosa placa que tem seu conteúdo revelado: “Proibida entrada de estranhos”. Bode Orelana considera a atitude positiva, pois auxiliaria a proteger a caatinga “destes depredadores da fauna e da flora” (HENFIL, 1977a, p. 25), porém Zeferino adverte que os estranhos indicados na placa são eles mesmos.

Pires (2012) mostra a necessidade de contextualizar este conflito armado representado em Zeferino junto a todo o processo que se deu nas guerras campestres e na repressão à reforma agrária que acompanhou o golpe de 64. As lutas campestres anteriores a 64 envolviam o homem comum do campo, mas também tinham apoio do governo e das lideranças sindicais. “O golpe de 1964 representou, entre outras coisas, a tentativa de frear a discussão e a movimentação democrática que tais movimentos suscitaram, com a desmobilização e repressão destes” (PIRES, 2012, p. 259). A resistência dos trabalhadores rurais contou com o apoio da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) e da Igreja Católica, auxílios decisivos para que o movimento não acabasse. Basearam-se no Estatuto da Terra e no Estatuto do Trabalhador Rural para exigir os seus direitos. O movimento de resistência ganhou força a partir de 1968, “quando um grupo de oposição assumiu a dire-

ção da CONTAG, tornando-se, assim, decisivo para a intermediação e organização das reivindicações num âmbito nacional” (PIRES, 2012, p. 259). Com o posicionamento combativo assumido, no governo militar tivemos grande perseguição.

Em Zeferino, com a criação de uma cidadela de resistência, temos, segundo Pires (2012), a formação de três discursos e ideologias distintas. O primeiro, defendido por Graúna, seguia a lógica de o discurso militar, buscava legitimidade na mística do crescimento, com uma revolução nacional “a partir da composição de forças sociais que reuniria o proletariado, os camponeses, a pequena burguesia e a burguesia nacional” (GORENDER apud PIREs, 2012, p. 264). O segundo, apresentado por Zeferino, evoca “o legado das lutas do passado para servir como base norteadora do novo projeto insurrecional [...] se alinha à perspectiva ideológica comum entre as organizações de esquerda pós-64” (PIRES, 2012, p. 265). O terceiro, proposto por Bode Orelana, se aproxima “da ideia de ‘propaganda armada’ defendida por alguns grupos armados, como a ALA, a VAR-Palmares, a VPR e a ALN, após a radicalização do AI-5” (RIDENTI apud PIREs, 2012, p. 266).

Associações livres

Além da especificidade das representações veiculadas nas tiras, em outros momentos Henfil realiza diversas associações livres que garantem uma potência para o trabalho. Entre Vietnã e caatinga, mostra através de Bode Orelana a caatinga como um resultado funesto. “Graúna de Deus! Comi um livro que dizia terem os americanos bombardeado o Vietnã com tantas bombas desfolhantes que aquilo virou um deserto” (HENFIL, 1980a, p. 52). Graúna responde: “escuta, Francisco Orelana, a caatinga já entrou em guerra com os americanos” (HENFIL, 1980a, p. 52). Em entrevista veiculada no Fradim #21, Henfil mostra que os personagens não têm realmente noção de tempo e espaço. Em outro exemplo, eles comemoram São João no dia de Natal. Esta, segundo Henfil (1977b, p. 31-32), seria “a realidade na caatinga, os caras lá não sabem em que dia estão”.

Deslocamentos dos fatos também são utilizados no tratamento dos problemas do país, que nas tiras de Zeferino ganham uma especificidade e são adaptados à realidade ali vigente. Aqui, como vimos, mesmo o movimento das rachaduras do chão serve de ritmo para a música. No Fradim #9, aspectos da economia brasileira são encaixados na realidade sertaneja. A necessidade de distribuição da renda bruta nacional e o slogan

“Diga não à inflação” são transformados em “necessidade de distribuição do cuspe bruto nacional” e “Diga não à sede”. No Fradim #22 (HENFIL, 1977c), Graúna, desacostumada, toma um porre de água, trocando a bebida servida em festa pela bebida mais valiosa na caatinga.

Conclusão

Devem-se conhecer e estudar os problemas locais do Nordeste seco e do sertão para que seja possível tentar descobrir soluções para a realidade social ali vigente. Os recursos destinados a sanar essas dificuldades devem ser utilizados em socorro dos mais necessitados.

O humor de Henfil serve para apontar os problemas ali vigentes e direcionar essa percepção para uma atitude crítica. Não apresenta exatamente uma solução, mas uma exacerbação do problema para que ele possa ser utilizado fora do contexto em metáforas e através de um humor que emerge com a criação de caricaturas da realidade, tornando-a menos insuportável.

Sob este viés, a variedade física e ecológica do Nordeste seco é reduzida nas tiras de Zeferino a cactos e cadáveres de cabeças de gado. Apesar de o Nordeste ser mais do que isso, esta é uma boa representação para salientar o problema da seca, como se essas fossem as únicas “espécies” capazes de se “adaptar” ao calor.

A figura constante de um grande sol nas tiras marca a presença não só do calor e da seca, mas do poder de destruição secular que através das queimadas e corte indiscriminado das florestas transformou certas áreas em um estado desértico quase irreversível; e de um poder de dominação que persiste com o latifúndio.

Com estes efeitos de poder, temos também tradicionalmente na região revoltas populares agravadas pela falta de moradia e pela falta de emprego. Inconformado com tais situações e com outros problemas específicos de seu tempo, Henfil, através das tiras de Zeferino, deixa claro seu posicionamento anticapitalista, de resistência sertaneja contra os latifundiários e de luta contra o governo militar.

NOTAS

1. Órgão instituído a partir de 1959, dirigido por Celso Furtado, cujo objetivo era diminuir a desigualdade da região com projetos de irrigação e cultivo de plantas resistentes à seca.

2. Referência à poesia de Gilberto Freyre *Formas e cores do sertão e do agreste*:

Contrastes de verticalidade gótica e de volúpias rasteiras,
rudezas do alto sertão e do agreste,
maciços de catingueiras
salpicadas
nos tempos de chuva de vermelhos
que são ao sol como pintas de sangue fresco,
e de amarelos vivos,
de roxos litúrgicos.... (FREYRE, 1980, p. 23)

3. Monte Santo, segundo Toledo (2002, p. 107), evoca a religião - por ter sido cidade santuário - e a Guerra de Canudos, narrada por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Canudos, também considerada cidadela santuário, foi defendida por uma coligação de jagunços e beatos liderados por Antônio Conselheiro em forte resistência contra quatro expedições militares (TOLEDO, 2002, p. 94). Monte Santo - fundada 100 anos antes de Canudos no século XVIII pelo frei Apolônio de Todi -, localizada a 100 quilômetros ao sul de Canudos, foi utilizada pelos militares como base de apoio. A guerra ocorreu por causa de um boato, de que, com o atraso da entrega de madeira para construção de uma igreja, os conselheiristas preparariam uma invasão da cidade (TOLEDO, 2002, p. 106). "Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo" (CUNHA, 2010, p. 507).

4. A figura de Zeferino ecoa, de acordo com Seixas (1996, p. 73-74), além do homem forte indicado por Euclides da Cunha em *Os sertões*, no mito da resistência apresentado anteriormente por José Américo de Almeida em *A bagaceira* ou no herói popular no cinema de Glauber Rocha.

5. Segundo Seixas (1996), "sul-maravilha" é apenas mencionado pelos personagens, sem ter existência real nas histórias: assim como o Brasil divulgado pela grande imprensa era apenas uma fantasia, para o homem do interior brasileiro as cidades grandes de Rio e São Paulo configuravam-se como um sonho distante e inalcançável ou então como uma realidade sufocante e esmagadora".

6. Tipo de malária.

7. Referência ao "milagre econômico" realizado no governo Médici (1969-1974). Na prática, implicava em uma reconcentração da renda nas classes altas, que multiplicaram sua capacidade de consumo. Foi favorável apenas à classe dominante. Os trabalhadores tiveram sua capacidade de consumo reduzida (SEIXAS, 1996, p. 10).

8. Bemfam, Sociedade do Bem-Estar Familiar, é um órgão não governamental, subsidiado por empresas internacionais, que auxiliou o Brasil no controle da natalidade a partir de 1965. Tinha grande concentração no Nordeste (SCAVONE, 2003, p. 176).

9. Latifúndios no Brasil, segundo Benjamim (2009), "chegam a centenas de milhares de hectares, alguns à casa dos milhões, uma contribuição brasileira ao bestialógico universal. Propriedades privadas desse tamanho são impensáveis em qualquer outro país".

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *O engenho anti-moderno: A invenção do Nordeste e outras artes*. Tese de doutorado em história. Instituto de Filosofia e ciências humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

- BENJAMIM, Cesar. Impactos do latifúndio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 out. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fio310200904.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2015.
- BURSZTYN, Marcel; MENDES, Armando Dias. *Para pensar o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.
- _____. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- _____. *Poesias reunidas*. Pernambuco: Edições pirata, 1980.
- _____. *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- _____. *Manifesto regionalista*. Pernambuco: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1996.
- HENFIL. *Fradim #7*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976a.
- _____. *Fradim #8*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976b.
- _____. *Fradim #9*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976c.
- _____. *Fradim #12*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976d.
- _____. *Fradim #13*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976e.
- _____. *Fradim #14*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976f.
- _____. *Fradim #15*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976g.
- _____. *Fradim #16*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1977a.
- _____. *Fradim #21*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1977b.
- _____. *Fradim #22*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1977c.
- _____. *Fradim #2*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980a.
- _____. *Fradim #30*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980b.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Entrevistas*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.
- KÖNIG, Mauri. O Brasil dos sem-água: Gazeta do Povo percorre dois mil km pelo semiárido brasileiro, castigado há 3 anos pela pior estiagem em cinco décadas, num cenário de desolação e morte. *Gazeta do povo*, Paraná, 04 maio 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-brasil-dos-sem-agua-49l8ianjcgz6mxjqwo09t1q>>. Acesso em: 21 fev. 2015.
- MELO, Lígia Albuquerque. Relações de gênero na convivência com o semi-árido brasileiro: a água para o consumo doméstico. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide (Org.). *Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas*. Recife: Editora universitária UFPE, 2006.
- MORAES, Dênis de. *O rebelde do traço*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

- PIRES, Maria da Conceição Francisca. Zeferino Ribamar das Mercês: uma representação do ator revolucionário na ditadura militar brasileira. *História*, Franca, SP, v. 31, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742012000200012>. Acesso em: 04 jan. 2015.
- SÁBER, Aziz Nacib Ab'. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. *Estudos geográficos*, v. 13, n. 36, 1999.
- _____. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- SCAVONE, Lucila. *Dar a vida e cuidar da vida*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- SEIXAS, Rozeny. *Morte e vida Zeferino: Henfil e humor na revista Fradim*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.
- SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.
- TOLEDO, Roberto Pompeu. O legado do conselheiro: cem anos depois, Canudos é uma ferida e um emblema do Brasil. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *O Clarim e a oração: cem anos de Os sertões*. São Paulo: Geração Girassol, 2002.

Recebido em: 28/04/2015

Aceito em: 04/06/2016

FABIO MOURILHE

funkstroke@yahoo.com

Fabio Mourilhe é doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com doutorado-sanduiche na Florida Atlantic University (FAU) (EUA), Mestre em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi professor temporário no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS-UFRJ) e no Colégio e Faculdade Silva e Souza. Realizou pós-doutorado em Filosofia na UERJ. É autor de diversos livros, dentre eles “O quadro nos quadrinhos” e “Cuidado de si e aufklarung: caminhos para a vida como obra de arte”. Organiza o evento anual Colóquio Filosofia e Quadrinhos.